



## RESENHA

**ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015<sup>1</sup>.**

**Shirlei Santos de Jesus Silva<sup>2</sup>**

O livro *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa* é fruto da pesquisa de doutorado de Luma Nogueira de Andrade no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará em 2012. A tese, disponível online, é diferente do livro lançado em 2015, versão atualizada e revista pela autora. Diante da grande repercussão, a obra não é mais encontrada com facilidade nas grandes livrarias, exigindo novas edições, dada a relevância e atualidade das discussões a que se propõe a autora.

Com o objetivo de apresentar travestis no ambiente escolar, suas sociabilidades, resistências e assujeitamentos às normatividades de gênero e sexualidade, a partir das suas narrativas e percepção das alunas e alunos, professoras e professores, gestoras e gestores, o livro caudaloso é dividido em sete capítulos, todos divididos em tópicos, além das referências bibliográficas e anexos. De leitura aprazível e compreensível serve de referência para pesquisadoras e estudantes das áreas de educação, antropologia, sociologia, estudos de gênero e estudos queer, além de um excelente subsídio para políticas públicas de educação com viés libertário pela perspectiva abordada, além de referência metodológica em etnografia na escola, pela forma como entrou em campo e o formato de análise das entrevistas, sempre em diálogo com o aporte teórico.

Na *Introdução*, Luma Nogueira de Andrade descreve o objetivo da pesquisa, o mapeamento das escolas públicas estaduais com apoio da Secretária de Educação do Estado (SEDUC), como encontrou as interlocutoras e com elas estabeleceu uma relação de confiança, sempre a partir do conceito de travesti traçado por Pelúcio

---

<sup>1</sup> Resenha do livro “Travestis na escola: assujeitamentos e resistência à ordem normativa”, da autora Luma Nogueira de Andrade (2015), apresentada como trabalho final da disciplina Gênero e Sexualidades no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM) em 2017.2.

<sup>2</sup> Atriz, poetisa, graduada em Ciências Biológicas e Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Educação, Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação – GIR@, Universidade Federal da Bahia – UFBA.

(2006), utilizado na pesquisa: “*peças que nascem com o sexo genital masculino (por isso a grande maioria se entende como homem) e que procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente sancionado como feminino, sem, contudo, desejarem extirpar a genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos*”. A partir disso foram selecionadas três escolas públicas estaduais do Ceará, que tinham ou não alunas travestis matriculadas, em espaços geográficos diferentes: escola na capital, outra na sede de município do interior e uma escola do campo. A partir de uma perspectiva feminista, pós-estruturalista e queer, a autora observa que durante a revisão bibliográfica, particularmente de textos antropológicos, as travestis descritas nessas investigações vivem na prostituição, reforçando esse local enquanto destino para essas sujeitas. Em seu trabalho de campo na escola, Luma Nogueira de Andrade buscou desmistificar esse constructo da travesti como prostituta, ao diversificar o seu campo de pesquisa e logo as possibilidades existenciais dessas sujeitas, a partir da empatia da pesquisadora, que constatou com seu livro linhas de fuga que as tirou, enquanto uma sujeita travesti, da marginalidade perene.

O segundo capítulo, *No Labirinto da Pesquisa*, é dividido em cinco tópicos. Apresenta o percurso metodológico; a compreensão do local da pesquisadora travesti como potencializador na pesquisa e os percalços durante a investigação, dentre eles perceber a confusão no ambiente escolar sobre as questões de gênero e sexualidades, principalmente aquelas relacionadas à transitoriedade identitária das jovens travestis, muitas vezes confundidas com meninos gays afeminados pelo corpo técnico-pedagógico das escolas e da secretaria. Com uma metodologia quanti-qualitativa, alinhada à hermenêutica em profundidade (Thompson, 1995), utilizou questionários para as alunas e alunos em geral, professoras e professores e gestores, e entrevistas em profundidade com as interlocutoras, jovens travestis. É também nesse capítulo que a autora apresenta detalhadamente as interlocutoras: Bela, Linda, Fran, Ana, Gabi e Raquel – matriculadas nas escolas escolhidas -, e Geuda e Sara que estão fora da escola e apresentam diferença geracional das demais. Por fim, Luma Nogueira de Andrade inclui sua própria trajetória no período escolar, sua relação com a religião, seus assujeitamentos e táticas de fuga, seus espelhos, resistências e conquistas.

No terceiro capítulo, *Multiplicidades da Identidade em Travessia*, demonstra como as interlocutoras se identificam e como são identificadas, explorando o conceito de identidade a partir de Stuart Hall (2006) e o diálogo entre os autores Vale (2005), Benedetti (2005), Silva (2007), Kulick (2008), Pelúcio (2009), Certeau (1994) e Foucault (1987), que são articulados durante toda obra. O jogo de

identificação, que poderia ser simples para autora, incorporou durante o tempo concepções tradicionais que negam as variadas formas de ser homem e mulher, em todas as suas subjetividades. Isso leva ao reconhecimento da travesti na escola como “anormal”, segundo os dados coletados; no jogo da identificação temos ainda a confusão conceitual e a ideia de ambiguidade entre travestis e transexuais, rotulando-as como “estranhas” diante de supostas identidades “normais” e “fixas”, particularmente aquelas cisgênero e heterossexuais.

O capítulo *Hierarquia, Disciplina e Panoptismo: Uma cartografia do Espaço Escolar*, traz a história, a política e a geografia colonial para demonstrar como foi constituído o “panoptismo”, metáfora foucaultiana sobre a instauração de uma sociedade disciplinar, baseada na vigilância e na punição. O panoptismo possibilita a análise de como se estrutura o processo da disciplina, hierarquia e dominação em diferentes espaços, que é, conseqüentemente, reproduzido no âmbito escolar. As microrrelações de poder, as técnicas de vigiar e punir e toda a estrutura de controle, classificação, normatização e higienização introduzidas na escola, tiveram o intuito de formar o indivíduo obediente ao enquadramento, semelhante ao das prisões, indústrias, corporações militares e hospitais. Mas a autora conclui o capítulo com sua proposta de fuga do panóptico, levando-nos ao banheiro, onde a vigília não é permanente, nem mesmo na escola.

O quinto capítulo, *Documentos de Gestão: Uma análise Empírica dos Instrumentos de Poder*, analisa documentos de cada escola estudada: o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o Regimento Escolar (RE). A autora analisou como esses documentos, que orientam a vida escolar, interferem ou não na vida das jovens travestis. Esses documentos são, muitas vezes, restritos aos gestores, que ao invés de utilizarem-nos enquanto aparato coletivo, pensado e discutido por todos, na verdade são unilaterais na reprodução das transfobias. Assim, apresentam grandes lacunas, dentre elas a completa invisibilidade do gênero, reforçando imposições e formatos que remetem a séculos passados. Esses documentos não se atentam para a diversidade cultural e o pluralismo de ideias do tempo presente. A “nomeação da travesti na escola”, tema discutido no capítulo, por exemplo, aborda a forma como as jovens travestis resistem para utilizarem seus nomes femininos mesmo diante das normativas que as excluem.

Em *Práticas de Espaços Juvenis: A Invenção de Novas Sociabilidades*, Luma Nogueira de Andrade analisa as transgressões das interlocutoras como linhas de fuga do controle e disciplina da escola com o apoio nas ideias de Michel Foucault (1987) e

Gilles Deleuze (1992). Verifica assim, como o panoptismo se modificou ao longo do tempo, contando hoje com o auxílio tecnológico e atingindo igualmente ou de forma mais agressiva os considerados “desviantes” e não mais apenas aqueles que se buscava docilizar para tornar seus corpos mais produtivos. As diferentes identidades juvenis, entretanto, modificam toda essa estrutura montada para a ordem, a disciplina e o controle que as nega enquanto sujeitas e, assim, a escola entra em crise.

Na *Conclusão*, a autora destaca a importância do trabalho por visualizar o cenário geral das interlocutoras, e os elementos que contribuíam para permanência ou ausência das travestis na escola, listando oito itens que se apresentaram de forma intensa durante toda pesquisa, como exemplo: *O impedimento de acesso ao banheiro feminino; Não reconhecimento do nome feminino da travesti no momento da frequência e mesmo no cotidiano escolar; e a Falta de formação para a comunidade escolar sobre a diversidade sexual, em especial no que se refere às travestis*; dentre outros pontos que sinalizam a heteronormatividade como modelo social, seguido pelo ambiente escolar, o qual reproduz o enquadramento disciplinar baseado neste modelo.

A transfobia foi problema vivido por todas as travestis pesquisadas, no entanto assujeitamentos foram assimilados para permanência nesse espaço, assim como linhas de fuga utilizadas como estratégias de resistência, *capazes de gerar novas sociabilidades na escola, na família, na vizinhança e na vida profissional*. As conclusões da pesquisa demonstram que quando os assujeitamentos ou resistências não são incorporados, o ambiente escolar, configurado como espaço excludente desde o século XIX, reproduz a transfobia, e a partir da pedagogia da violência e da dor, com o objetivo de corrigir a “desviante” do modelo hegemônico desencadeia a “evasão involuntária”. Ao compreender a transfobia como um dos sistemas discriminatórios da sociedade, o livro é base importante para discussões que permeiam no combate contra a transfobia, seja dentro ou fora do ambiente escolar.

### Referências

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. 1.ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

Recebido em: 16/12/2017  
Aprovado em: 26/01/2018